

Expectativas do Mercado

Os dados do mercado de trabalho norte-americano estão menos otimistas sobre o emprego, com o Departamento de Trabalho tendo informado que o país criou 142 mil novos empregos em setembro, valor abaixo das expectativas dos analistas de trabalho. Com isso, ampliou-se a estimativa de que o Banco Central Americano, o FED (do inglês Federal Reserve), atrasou a elevação dos juros para 2016.

Em relação à Zona do Euro (ZE), tem crescido a pressão para que o Banco Central Europeu (BCE) amplie os estímulos com vistas a acelerar o processo de recuperação econômica dos países da região. O BCE manteve a taxa de juros em 0,05%, como esperado, e tem injetado recursos na economia por meio da compra de bônus, com a expectativa de incentivar os bancos a ampliarem o crédito.

Além da deflação da ZE, os investidores estão preocupados com o processo de desaceleração da China. O país divulgou recentemente que o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) no terceiro trimestre de 2015 foi de 6,9%, menor taxa desde o primeiro trimestre de 2009. Nos nove primeiros meses deste ano, a produção industrial da China cresceu 6,2%, e o investimento em ativos fixos, 10,3%. Já o investimento no setor imobiliário subiu apenas 2,6%. De qualquer maneira, ainda que com crescimento mais baixo, poucos analistas acreditam que a China não continue sendo o motor do consumo e do crescimento global.

No Brasil, as expectativas dos analistas do mercado financeiro continuam deteriorando-se, porque o governo tem demonstrado dificuldade em aprovar/implementar as medidas de ajuste fiscal e as reformas econômicas necessárias para reconquistar a confiança de mercado, o que permitiria a retomada dos investimentos. Os impasses políticos ainda existentes indicam que o período de ajustamento deve se prolongar por mais tempo que o previsto inicialmente.

Assim, as projeções para o PIB e a inflação seguem piorando, segundo o Boletim Focus do Banco Central do Brasil (BCB). Neste cenário, a inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) – já alcançaria quase dois dígitos em 2015 e continuaria pressionada em 2016 e 2017. Ainda assim, o Comitê de Política Monetária (Copom) do BCB, em sua última reunião, decidiu manter a taxa Selic em 14,25% a.a.. Analistas do mercado financeiro esperam essa mesma decisão na próxima reunião do comitê, já que a economia apresenta muito pouco dinamismo.

Expectativas do mercado

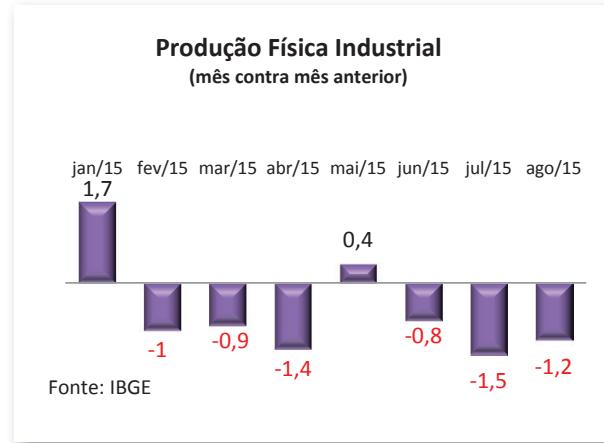
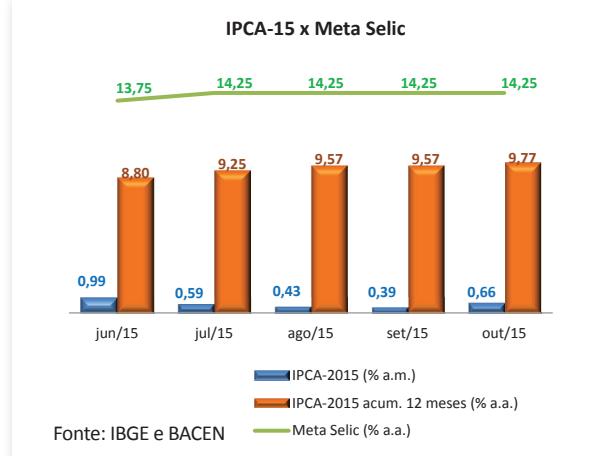
	Unidade de medida	2015	2016	2017	2018	2019
PIB	% a.a. no ano	-3,02	-1,43	1,00	2,00	2,00
IPCA	% a.a. no ano	9,85	6,22	5,00	4,85	4,50
Taxa Selic	% a.a. em dez.	14,25	13,00	11,00	10,00	10,00
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	4,00	4,20	4,06	4,00	4,11

Fonte: Banco Central do Brasil - Boletim Focus, de 23/10/2015

Confira os últimos estudos/pesquisas da Unidade de Gestão Estratégica (UGE):

- [Os donos de negócio no Brasil: análise por grau de informatização, faixa de renda e escolaridade;](#)
- [Índice de Confiança dos Pequenos Negócios – relatórios especiais por Unidade da Federação \(UF\).](#)

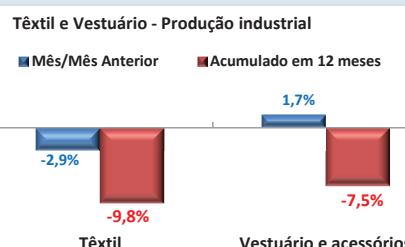
Acesse esses e outros estudos e pesquisas, clicando [aqui](#).



Notícias Setoriais

Comércio Varejista

O comércio varejista, em agosto, registrou queda no volume de vendas (-0,9%) sobre julho, pelo sétimo mês consecutivo. A receita nominal também mostrou variação negativa (-0,2%) no mesmo comparativo, feito o ajuste sazonal. Em relação a igual mês de 2014, a queda no volume de vendas foi ainda mais acentuada (-6,9%), enquanto a receita nominal registrou elevação de 1,1% (sem ajustes). No ano, o volume de vendas acumula queda de 3,0%, e a receita nominal, alta de 3,7% em relação ao mesmo período de 2014. O segmento de móveis e eletrodomésticos e de livros, jornais, revistas e papelaria são os que mais contribuíram para a queda observada no acumulado deste ano, no volume de vendas do varejo (-12,4% e -9,2%, respectivamente). O desempenho do setor tem refletido a redução do poder aquisitivo da população, com o aumento do desemprego e das taxas de juros, a redução da renda e a restrição ao crédito, além da elevação dos preços.



Fonte: IBGE

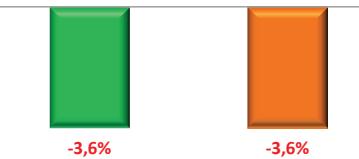
Têxtil e Vestuário

Em agosto, a produção da indústria têxtil registrou queda de quase 3%, enquanto a de vestuário e acessórios cresceu 1,7% sobre o mês anterior. Nos últimos 12 meses, entretanto, a produção de vestuários acumulou queda de 7,5%, inferior à redução na produção da indústria têxtil (9,8%). De janeiro a setembro deste ano, as exportações de vestuário e acessórios diminuíram 11,7% frente às de 2014, e as importações caíram 2,1%. Assim, a balança comercial desse segmento acumula saldo negativo de US\$ 2,1 bilhões nos nove primeiros meses do ano. O setor tem sofrido com o encarecimento dos custos de produção, com destaque para a energia elétrica e a tributação, além da concorrência com os chineses, o que tem levado os empresários do setor a mudar de estratégias para manter suas atividades.

Calçados

A produção brasileira de calçados apresentou queda de 3,6% em agosto sobre o do mês anterior e acumula retração em igual percentual nos últimos 12 meses. O saldo da balança comercial do setor, de janeiro a setembro, ficou em US\$ 349,3 milhões, com as exportações atingindo US\$ 810 milhões, 12% menor que o valor registrado em igual período de 2014, apesar do câmbio favorável. A indústria calçadista, que exporta cerca de 15% de sua produção, deve sofrer as consequências das medidas de ajuste fiscal – houve antecipação da redução da alíquota do Reintegra para dezembro/2015.

Calçados - Produção Industrial (Agosto/2015)



Fonte: IBGE

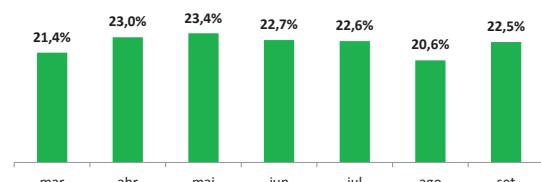
Móveis

A fabricação de móveis diminuiu 3,8% em agosto frente ao mês anterior, e já acumula retração de 10,3% em 2015. Considerando que o cenário econômico mantém-se desfavorável a investimentos, em função da elevação das taxas de juros, da maior restrição ao crédito e das incertezas quanto ao ambiente econômico do Brasil, é esperado que as vendas internas continuem a apresentar pouco dinamismo nos próximos meses. No ambiente externo, o setor também vem apresentando resultados ruins e acumulou, neste ano, déficit de US\$ 135,8 milhões no saldo comercial até setembro. No entanto, espera-se aumento das exportações, favorecidas pela taxa de câmbio acima de R\$ 3,50/dólar nos próximos meses, podendo minimizar o impacto da retração do setor do mercado doméstico.

Turismo

Segundo a "Sondagem do consumidor: intenção de viagem", do MTur, em setembro/2015, 22,5% dos brasileiros demonstraram intenção de viajar nos próximos seis meses, sendo que 77,6% destes farão dentro do país. Este índice é o mais alto registrado para o mês de setembro nos últimos cinco anos, e também representa o terceiro ano consecutivo em que o valor cresce. A desvalorização cambial certamente é o principal fator motivador desse resultado. As mudanças econômicas impactaram também a preferência em relação ao meio de locomoção utilizado para viajar: em função do alto preço das passagens aéreas, a utilização de ônibus atingiu o maior índice dos últimos cinco anos entre os brasileiros que têm intenção de viajar nos próximos seis meses, passando de 8%, em 2010, para 14%, em 2015; ou seja, um crescimento de 75%.

Percentual de brasileiros que demonstraram intenção em viajar nos próximos 6 meses (2015)



Fonte: MTur e FGV - Sondagem do consumidor - Intenção de viagem

Artigo do mês

Os pequenos negócios de serviços

Rafael de Farias Costa Moreira

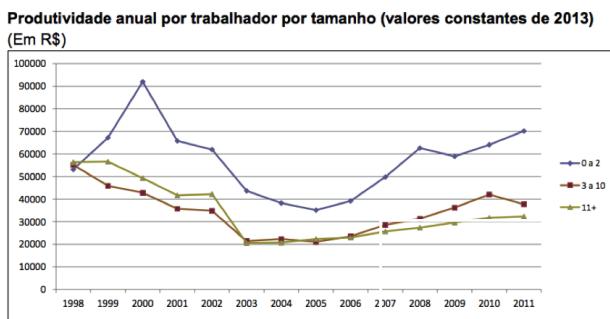
(Mestre em Economia pela UnB e analista técnico da UGE)

No Brasil, a típica empresa do setor de serviços emprega pouco e é pouco intensiva em capital. Não por acaso, o setor tem larga predominância de pequenos negócios. Segundo dados do Cadastro Sebrae de Empresas, 98% das empresas de serviços são micro e pequenas empresas (MPEs).

Também não por acaso, o faturamento médio das empresas do setor é baixo. De acordo com o estudo do Sebrae intitulado “A evolução das microempresas e empresas de pequeno porte”, as microempresas de serviços faturaram, em média, R\$ 94 mil em 2012, ou R\$ 7,8 mil/mês. Faturamento tão baixo reflete tanto a natureza das atividades realizadas que, em geral, são voltadas para o consumo final e são de baixo valor adicionado, quanto à modesta qualificação dos empregados e dos empresários do setor.

O problema de tão elevada participação de empresas com essas características é que temos um grande exército de unidades produtivas que pouco se beneficiam de ganhos de escala, têm pouco ou nenhum poder de negociação com fornecedores e têm pouco acesso às tecnologias.

Ao analisar os microdados da Pesquisa Anual de Serviços do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PAS/IBGE), Arbache encontra que, em média, quanto menor a empresa de serviços, maior é a produtividade (ver abaixo).



Fonte: Arbache (2015).

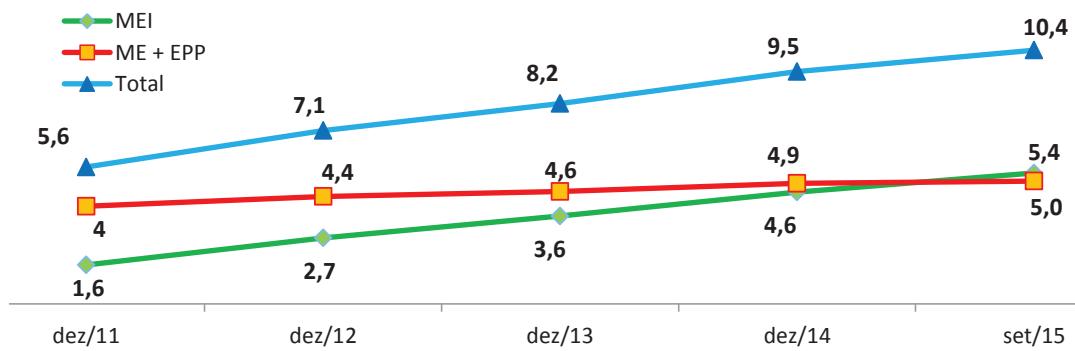
Infelizmente, esse resultado não deve ser motivo de comemoração. Primeiro, porque a amostra da PAS baseia-se no Cadastro Central de Empresas, que não considera os Microempreendedores Individuais (MEIs). Se incluídos, muito provavelmente puxariam para baixo a produtividade média das empresas de zero a dois empregados.

Segundo, porque, embora a produtividade das empresas com zero a dois empregados seja relativamente maior que a das demais, em termos absolutos ela é baixa: cerca de R\$ 70 mil por trabalhador/ano em 2011, menor do que a média de produtividade anual do trabalhador da indústria, que é de cerca de R\$ 80 mil, segundo a Pesquisa Industrial Anual (PIA), do IBGE.

Considerando que o setor de serviços já corresponde a 70% do PIB e que está cada vez mais presente nas cadeias de produção de outros setores, aumentar a produtividade agregada brasileira requer, necessariamente, elevar a produtividade e a competitividade dos pequenos negócios de serviços.

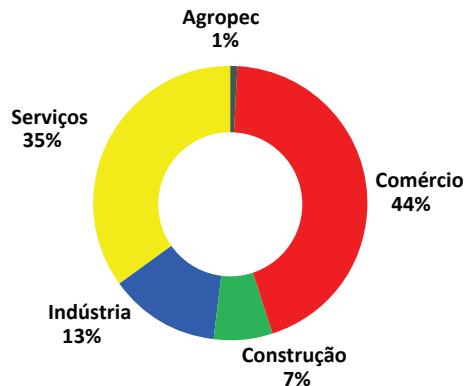
Pequenos Negócios no Brasil

Evolução dos optantes pelo Simples Nacional (em milhões)

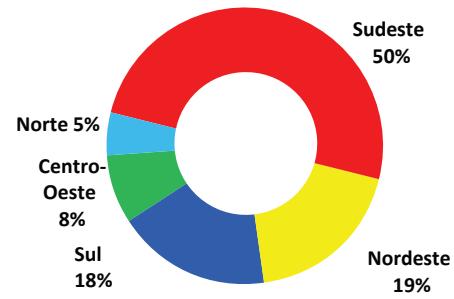


Fonte: Receita Federal

Concentração por Setor



Concentração por Região



Fonte: Secretaria da Receita Federal – março/2015

Estatísticas dos Pequenos Negócios

Participação dos Pequenos Negócios na economia	Período	Participação (%)	Fonte
No PIB brasileiro	2011	27,0	Sebrae e FGV
No número de empresas exportadoras	2013	59,4	Funcex
No valor das exportações	2013	0,8	Funcex
Na massa de salários das empresas	2013	41,4	Rais/MTE
No total de empregos com carteira	2013	52,1	Rais/MTE
No total de empresas privadas	2015	98,2	Sebrae
Outros dados sobre os Pequenos Negócios	Período	Total	Fonte
Quantidade de produtores rurais	2013	4,2 milhões	Pnad/IBGE
Potenciais empresários com negócio	2013	13,2 milhões	Pnad/IBGE
Empregados com carteira assinada	2013	17,0 milhões	Rais/MTE
Remuneração média real nas MPEs	2013	R\$ 1.485,00	Rais/MTE
Massa de salário real dos empregados nas MPEs	2013	R\$ 24,4 bilhões	Rais/MTE
Número de empresas exportadoras	2013	10,9 mil	Funcex
Valor total das exportações (US\$ bi FOB)	2013	US\$ 2,0 bilhões	Funcex
Valor médio exportado (US\$ mil FOB)	2013	US\$ 195,4 mil	Funcex

Obs.:

- 1. Microempreendedor Individual (MEI):** receita bruta anual de até R\$ 60 mil.
- 2. Microempresa (ME):** receita bruta anual igual ou inferior a R\$ 360 mil, excluídos os MEI.
- 3. Empresa de Pequeno Porte (EPP):** receita bruta anual maior que R\$ 360 mil e igual ou inferior a R\$ 3,6 milhões.